

ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA: JOÃO BEM E PROCESSO COLETIVO NO ICH CAMPUS II

THIFANI GOMES ORTIZ MACHADO¹; NADIANE FONTES CASTRO²; VINÍCIUS
DIAS DE PAULA³; SILVANA NATÁLIA IRIGARAY NUNES⁴; ADRIANA TEIXEIRA
CAMISA⁵ ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – thifani.ortiz@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – castronadiane@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – viniciusdias-rs@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – silvana.ifsul@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – adrianat.camisa@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – andre.o.t.carrasco@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O projeto “Espaços de Convivência” é um conjunto de atividades de extensão desenvolvido pelo João de Barro Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (João BEM). Este configura-se como um núcleo de extensão na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) que se caracteriza pela autogestão dos estudantes e propõe o desenvolvimento de projetos colaborativos, visando um processo de criação e organização dos espaços que inclua troca de saberes populares e técnicos, buscando assim, alternativas para a produção de arquitetura distinta do modelo hegemônico.

O projeto de extensão dos Espaços de Convivência teve início a partir da experimentação de processos e técnicas construtivas na construção de mobiliários e ressignificação de espaços. Tem como objetivo transformar espaços não apropriados, de forma a requalificá-los dando a esses um novo uso. O João BEM se propõe a intervir nesses espaços buscando transformá-los e adaptá-los conforme a demanda e participação de seus usuários, atuando desde o levantamento das intenções e necessidades até a discussão após a implementação dos mesmos.

A construção destes espaços de convivência tem acontecido em diversas unidades da UFPEL, como na FAUrb, CeArt, Capão do Leão e o Desafio Pré-vestibular Popular e agora no ICH Campus II. Na FAUrb por exemplo, parte do saguão foi transformado em espaços de integração a partir do projeto e apropriação de novos mobiliários. O processo de ressignificação transformou este local em mais do que um lugar de espera entre aulas e atividades acadêmicas, produzindo um espaço para realização de reuniões, encontros, e até como sala de aula aberta, utilizado por estudantes e professores da FAUrb e de outros campi.

A partir disso, entende-se que o objetivo principal do projeto dos Espaços de Convivência é construir novas formas de habitar áreas subutilizadas, dentro ou fora das edificações, partindo da criação, reutilização, modificação e restauração de mobiliários. Propõe-se também a prática da arquitetura através de um processo de execução realizado a partir de mutirões que incluam tanto estudantes que participem dos projetos do EMAU, quanto estudantes de diferentes cursos e futuros usuários do espaço, estudantes ou não da universidade.

O projeto em questão permite a experimentação no que diz respeito à disseminação do conceito projeto participativo, de forma que os estudantes

possam atuar em espaços fora da academia, o que proporciona além dos conhecimentos técnicos, experiências com situações reais a partir das demandas da sociedade. Atenta-se que todo esse processo ocorre a partir de um projeto participativo por parte de todos os envolvidos.

Atualmente, está em desenvolvimento o projeto que tem a participação de estudantes da geografia, museologia e conservação e restauro, sendo que através deles chegou ao João BEM a demanda de pensar, junto com os usuários do espaço, formas de construir locais que propiciem a interação entre os cursos que compartilham o espaço do ICH Campus II.

2. DESENVOLVIMENTO

A partir de um processo autônomo e horizontalizado de formação e atuação, o João de Barro Escritório Modelo desenvolve seu projeto de modificação dos espaços, no qual se discute não só as questões físicas mas também sociais do contexto onde o projeto está inserido. As demandas dos espaços de convivência surgem a partir do interesse de comunidades, estudantes, professores e usuários de espaços, visando a modificação e qualificação dos mesmos. O contato ocorre na maioria das situações por já existir um conhecimento prévio dos projetos desenvolvidos pelo núcleo.

A metodologia aplicada pauta-se da ideia de qualificar o espaço físico através de processo colaborativo e interdisciplinar, integralizando, em um projeto de extensão, a arquitetura, a educação e processos de projeto, fomentando assim ambientes de convergência entre ensino e aprendizado.

Logo, formulado o contato inicial realizam-se reuniões de modo a se aproximar dos usuários e entender as demandas do local, para que assim se desenvolvam, com os participantes, estratégias para dar continuidade às atividades.

A construção das atividades desenvolvidas no processo dos Espaços de Convivência dão-se geralmente por etapas que se conectam, como: levantamentos, leitura e espacialização das vontades, discussão e viabilização das demandas levantadas, captação de recursos e materiais de trabalho, resultando todas estas etapas na construção de uma intervenção. Somado a estes pontos, também, se faz presente e necessário o registro por meio de vídeos e fotografias.

Os levantamentos acontecem através de reuniões com os usuários dos locais onde se dá a intervenção, cada reunião têm um caráter específico, por exemplo, reconhecimento do local, das potencialidades e dificuldades do mesmo, provocando o pensar do espaço de convívio. Já a leitura e espacialização das vontades tem como objetivo a verificação das demandas, que são coletadas por meio de cartazes e colagens, e demonstração das possibilidades de modificação do espaço.

A viabilização das demandas levantadas fundamentam-se na ideia de sistematização das informações recebidas pensando assim em sua resolução. A captação de recursos e instrumentos de trabalho volta-se para a obtenção de materiais e realização das atividades a serem desenvolvidas, tais elementos podem ser obtido em contato com a universidade ou outros espaços, pensando que os mesmo podem ser reutilizados ou novos.

Atualmente está se pensando o projeto no ICH Campus II da UFPEL, demanda que surgiu a partir dos estudantes que usam o prédio. Devido a utilização do espaço por diversos cursos, em um edifício recém ocupado pela

UFPel, os alunos perceberam a carência do local por um ambiente de convívio que integrasse as variadas áreas que atuam no recinto.

Houve inicialmente a participação de representantes dos cursos de geografia, museologia e conservação e restauro, com os quais tem-se buscado realizar reuniões, e como proposta desses encontros pensa-se na utilização de mídias digitais, para fim de divulgação, ampliação e debate das ideias.

Apesar das tomadas de decisões, que prezam pelo processo de construção coletiva, serem sempre tomadas a partir de debates e discussões, no desenvolver dessa parceria notam-se algumas divergências, entre elas a idealização que se tem do papel do arquiteto como único agente na constituição do projeto. Esta é uma das principais dificuldades enfrentadas na busca pelo entendimento da construção coletiva, sendo uma das pautas que o João BEM tem trabalhado desconstruir, a partir da inserção de práticas colaborativas.

3. RESULTADOS

Realizou-se discussões com o grupo interessado, debatendo as transformações pretendidas no espaço e provocando o entendimento que o projeto participativo atende as demandas a partir de decisões coletivas, necessitando do comprometimento e participação de todos.

A partir da coleta de demandas, percebeu-se necessidades em diferentes escalas, desde a construção de mobiliários que possam ser utilizados em um local de estar e convívio, por exemplo, visto que a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis também está inserida no ICH Campus II e recebe a visita de dezenas de estudantes diariamente, até implantação de uma cantina no campus.

Os desejos apresentados, foram sistematizados e expostos novamente em forma de cartazes para divulgar as principais necessidades abordadas pelos estudantes. Também foi criada uma página em uma rede social, oportunizando uma maior troca de informações sobre o processo em andamento.

Atualmente o projeto se encontra na etapa de discussão e viabilização das demandas, esperando como resultado final do processo, a criação de espaços de convivência e o engajamento da comunidade envolvida para o cuidado e manutenção dos lugares ressignificados.

Além disso, entende-se que a participação neste projeto permite aos estudantes da arquitetura o contato com as variáveis de uma atuação extensionista, podendo exercer a prática de um projeto participativo, pensando a forma de atuação do arquiteto nesse contexto de troca.

4. AVALIAÇÃO

A realização do Projeto Espaços de Convivência, por parte do EMAU prioriza não só a ressignificação de espaços, mas também a discussão com a comunidade sobre o processo de pensar o projeto e a execução, entendendo o usuário como sujeito da ação. Destaca-se que o conhecimento do processo visa a autonomia dos envolvidos, possibilitando a manutenção do espaço e construção de outros.

Entende-se ainda a importância do diálogo com a comunidade após a execução do projeto, para que se tenha uma avaliação pelos usuários sobre os usos dos espaços propostos, além de fortalecer as parcerias e possibilidades de criação de novos projetos.



A partir da integração entre os estudantes de diferentes cursos no Projeto Espaços de Convivência, pode-se perceber também a potencialidade da interdisciplinaridade, trazendo diferentes formas de abordagem e contribuições, enriquecendo o processo de trocas de aprendizados propostos pelo núcleo.

Além disso, os resultados obtidos a partir das experiências prévias que o João BEM tem com a sua atuação no Projeto Espaços de Convivência são de extrema importância para a construção de metodologias e o processo de estudo sobre a atuação do grupo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, P.F. **Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões**. São Paulo: Editora 34, 2002.

GALBIATTI, F. P., **ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA: PROJETANDO UM DESAFIO**. In: Congresso de Extensão e Cultura, 3., Pelotas, 2016.

KAPP, S., **Por uma Arquitetura não Planejada: o arquiteto como designer de interfaces e o usuário como produtor de espaços**. Piracicaba, 2006. Acessado em 11 out. 2017. Online. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/05_biblioteca/acervo/baltazar_por_uma.pdf.